

Augusto d'Albuquerque

Rua dos Correios, 92

Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados para a importação de géneros estrangeiros

REPRESENTAÇÃO

Carl Hansen, Aarhus

Hamburgo

ARTE

AGENTES EM

ENCOMENDAS PARA AS COLONIAS BRASILEIRAS, ETC.

MUSICAL

FABRICA DE PIANOS - STUTTGART

A casa CARL HARTDT, fundada em 1855, não somente se dedica a fabricar pianos de primeira ordem, mas também a fabricar pianos de segunda e terceira ordem.

Os pianos de CARL HARTDT, distinguem-se por um trabalho sólido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e a construção é perfeita. O teclado é leve e a repetição é rápida e precisa. O mecanismo é perfeito e a construção é sólida e resistente a todos os climas.

A casa CARL HARTDT, obteve recompensas nas seguintes exposições: Londres, 1862 (1.º prêmio); Paris, 1867 (1.º prêmio); Viena, 1873 (1.º prêmio); São Paulo, 1881 (1.º prêmio); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881.

REPARAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 45
LISBOA

Augusto d'Aquino

Rua dos Correeiros, 92

Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

Carl Lassen, Ásiahaus

Hamburgo, S

AGENTES EM ...

Anvers — Joseph Spiero — 51, rue Waghemakere
Havre — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 67, Grand Quai
Paris — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 12, 14, rue d'Enghien
Londres — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — Leadenhall Buildings, E.C.
Liverpool — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — The Temple-Dale Street.
New-York — Joseph Spiero — 11, Broadway.

EMBARQUES PARA AS COLONIAS, BRAZIL, ESTRANGEIRO, ETC.

TELEPHONE N.º 938

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS—STUTTGART

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fôrma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições: — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **CASA LAMBERTINI**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.



FORNECEDOR DAS CORTES DE SS.
MM. o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia. — Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia. — Imperador da Russia. — Imperatriz Frederico. — Rei d'Inglaterra. — Rei de Hespanha. — Rei da Romania. — SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia e Noruega—Duque de Saxe Coburgo-Gotha. — Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).
BERLIN N. — 5 e 7, JOANNISTRASSE.
PARIS. — 334. RUE ST. HONORÉ.
LONDON W. — 10, WIGMORE STREET.

Lambertini

REPRESENTANTE

E

Unico depositario dos celebres pianos

DE

BECHSTEIN

43 — P. dos Restauradores — 49

TRIDIGESTINA LOPES

Preparada por F. LOPES (Pharmaceutico)

Associação nas proporções physiologicas, da diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por excellencia em todas as doenças do estomago em que haja difficuldade de digestão. Util para os convalescentes, debeis e nas edades avancadas.

PHARMACIA CENTRAL

de F. Lopes

108, R. DE S. PAULO, 110 — LISBOA

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

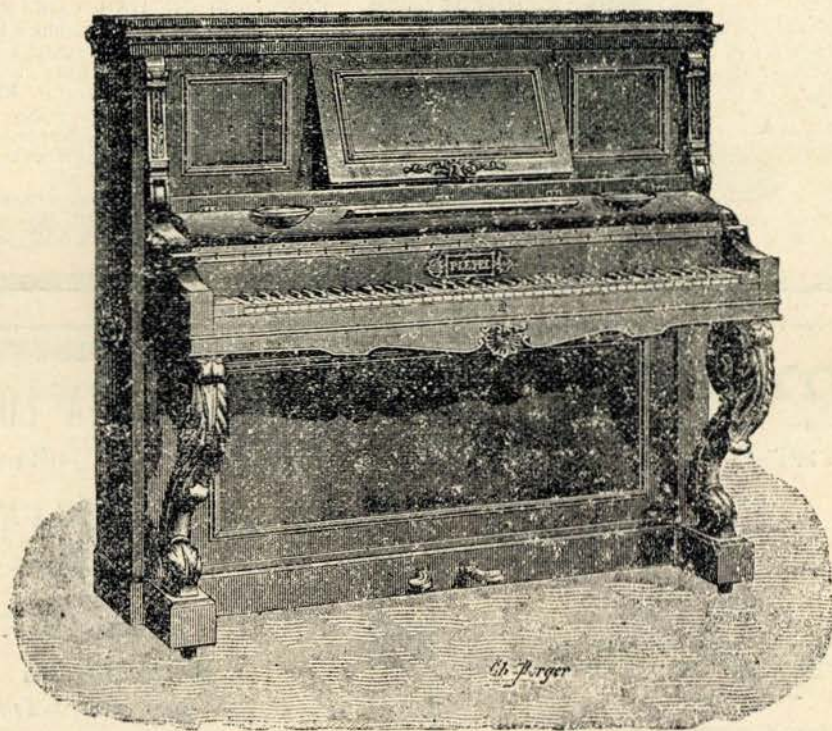
Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação em ferro, sommeiro em cobre ou ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, machinismo de repetição, systema aperfeiçoado.

Exterior elegante — Boa sonoridade — Afinação segura — Construcção solida

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

PLEYEL WOLFF LYON & C^{IE}

GRANDE FABRICA DE PIANOS E HARPAS
PARIS



HARPA CHROMATICA SEM PEDAES

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

PIANO DUPLO PLEYEL

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

Inventor:—ENG. GUSTAVE LYON, official da Legião d'Honra

PRESIDENTE DO JURY (CLASSE 17) DA EXPOSIÇÃO DE PARIS—1900

A ARTE MUSICAL
 Revista publicada quinzenalmente

Redacção e administração

Proprietario e director
 Michelangelo Lambertini

LISBOA

Praça dos Restauradores
 43 A 49

Composto e impresso
 na Typ. do ANNUARIO COMMERCIAL
 Praça dos Restauradores, 2º

SUMMARY — Alfredo Keil — Estudos sobre Tristão e Isolda — No conservatorio — Notas Vagas — Chronica Theatral — Noticiario — Necrologia.

ALFREDO KEIL

No dia 4 d'este mez circulou por toda a Lisboa a triste nova: correu de bocca em bocca com a celeridade com que se espalham de ordinario as grandes noticias. Alfredo Keil tinha morrido n'esse dia em Hamburgo.

Por mais que nos acclimatemos á ideia da morte e por muito precaria que fosse a saude do valioso artista, de ha oito mezes para cá, a noticia da perda de tão relevante individualidade, trazida a Lisboa no laconismo cruel d'um telegramma, não podia deixar de alarmar dolorosamente todos os que puderam aquilatar-lhe os primores do talento e do character.

Não sabemos o que a posteridade dirá d'este interessante vulto de artista, que apesar de contar 57 annos, e apesar da desillusão lhe ter de ha muito vincado a fronte, podia e devia ainda produzir peregrinas cousas. A posteridade é ás vezes falha de memoria, mas o que ella não poderá esquecer nunca é a multiplicidade

verdadeiramente rara, das suas faculdades artisticas, o seu entranhado amor, quasi diremos, religiosa devoção pelas artes a que se consagrava e, acima de tudo, o forte espirito de nacionalismo que o tornava inconfundivel entre os nossos musicos. Da sua penna de compositor, quasi é licito dizer que

nunca a empunhou senão para glorificar a patria, e todas as suas partituras, desde a *D. Branca* até a *India* são não só revelações irrefragaveis de um genio arrojado e progressivo, mas tambem affirmações de puro e nunca desmentido patriotismo.

Perde assim a nossa arte um dos seus cultores de maior destaque e um dos poucos que mais intimamente soube alliar ao espirito nacional a scentelha de um peregrino talento de musico, de pintor e de poeta.

A sua vida, foi uma serena vida

de dedicação pela arte, uma vida de artista recatado e honesto, que ainda nos momentos mais tórvos, em que a patria, que elle tanto amou, tão descaroavel se lhe affigurava, não sabia desfitar um só momento a vista dos ideaes mais levantados e nobres.



ALFREDO KEIL

Tracemos rapidamente, nas suas linhas mais salientes, essa vida fecunda e exemplar,

Nasceu Alfredo Keil em 1850, sendo seus paes Christiano Keil, conhecido alfaiate allemão, e D. Josephina Stellpflug Keil. Sentindo de bem novo a vocação da arte, cultivou primeiro a pintura e a ella se entregou de alma e coração. Era já muito conhecido e apreciado como paysagista quando se consagrou ao piano e á composição, tendo como professores, no piano o concertista húngaro Oscar de la Cinna (1) e na harmonia Ernesto Vieira, reputado professor e um dos fundadores d'esta revista.

Tinha 33 annos quando produziu a sua primeira obra theatral, *Suzanna*. Nos inicios da sua carreira de musico, que devia ser particularmente brilhante e sobrelevar mesmo a todas as suas outras aptidões, deu-lhe mão forte a *Aca emia de Amadores de Musica*, que estava então no periodo mais fulgurante da sua actividade. A esta prestimosa e antiga associação, que tem n'isso com toda a justiça um dos seus melhores titulos de gloria, deveu Alfredo Keil a execução das suas *Cantatas* e pode mesmo dizer-se que lhe deveu o tornar se rapidamente conhecido no nosso meio. Mas os 14 annos, que vão de 1888 a 1902, assignalados pela execução das suas tres obras primas, *D Branca, Irene e Serrana*, é que marcam o periodo aureo da vida musical de Alfredo Keil.

A analyse detalhada e sobretudo desapaixada d'esses tres bellos trabalhos lyricos está ainda por fazer e seria na verdade a melhor das homenagens a prestar ao glorioso morto, se não fosse demasiado cedo para apprehendimentos d'essa natureza.

Os ultimos cinco annos da vida de Keil, ou antes quatro, porque o ultimo foi quasi por inteiro votado á doença, foram talvez o periodo de desalento do insigne artista. De desalento, de desillusão, se quizerem; mas não de desfallecimento e muito menos de inercia. Trabalhava pelo contrario febrilmente e as obras d'esse periodo, tanto em musica, como em pintura, desenho e poesia, não tendo a largueza de proporções de qualquer dos trabalhos do seu melhor periodo, distinguem-se todavia pela profusão e variedade, e pela firmeza de mão que só é dada aos mestres, depois de uma longa vida de trabalho artistico.

Foi principalmente n'esse ultimo periodo que se votou á colleccionação de obras d'arte e especialmente de instrumentos musicos; pelo menos foi n'esse periodo que engrandeceu e seleccionou as suas collecções, impri-

miando um tal desenvolvimento á de instrumentos que a podemos classificar não sómente a primeira e a bem dizer a unica do paiz, mas ainda uma das mais interessantes collecções particulares que existem na Europa.

A secção consagrada ao Piano tem, entre outras, um valor intrinseco e historico que apesar da arrumação necessariamente defeituosa de tão grande numero de peças em salas relativamente acanhadas, não pode passar despercebido a quem tenha tido a fortuna de visitar o lindo museu da Avenida.

Desde a preciosa *virginal* de Hans Ruckers, datada de 1629 e decorada de finissimas pinturas, até ao *piano de mesa* dos principios do seculo XIX, passando pela *espineta*, pelo *clavicordio* e pelos *cravos* de pennas e de martellos, está ali por bem dizer a historia completa do todos os antepassados do *piano* de hoje.

De todas as outras famílias de instrumentos ha ali tambem curiosos specimens e até um certo numero de instrumentos exóticos, que dão um bom subsidio para o estudo da arte nos paizes extra-europeus — ao todo uns 300 exemplares, entre os quaes muitas peças de grande belleza e valôr.

A maioria d'esses instrumentos foi descoberta com uma paciencia de beneditino pelo proprio Alfredo Keil, com o auxilio de seu filho Luiz, sempre que este se encontrava no estrangeiro; mas houve tambem quem lhe offerecesse alguns exemplares bem interessantes. Entre esses generosos doadores lembramos os srs. Paul Henri Plantier, Fernando Caldeira, Ernesto Vieira, Jacintho Augusto de Magalhães Soares, Adriano Julio Coelho, Eduardo Sequeira, Visconde d'Athouguia, Aurelio Cesar Sobral, João Antonio Pinto, José Pulido Garcia, Antonio Lamas, João Baptista Bello de Carvalho, Luiz Pierrard e Luiz de Sommer.

O que vae ser d'esta preciosa collecção? Se a familia de Alfredo Keil quizer um dia alienar esses valores, teremos mais uma vez o desgosto de os ver passar fronteiras na mão dos Hamburger e de quejandos especuladores?

N'um caso d'esses, parece-nos que não devia haver um unico artista, nem um unico homem de coração que não buscasse interceder junto do governo para que esse conjuncto de preciosidades não sahisse do paiz nem mesmo fosse confiado aos acasos dissolventes do costumado leilão.

A occasião seria unica para uma salutar intervenção do Estado; ao passo que impediria o sacrilegio artistico, que corôa habitualmente os esforços de todo o colleccionador d'arte no nosso paiz, assegurava ao proprio Estado o meio de crear uma instituição a

(1) Veiu dar concertos a Portugal em 1863.

mais não ser interessante, um *Museu instrumental*, que, mais que uma curiosidade para estrangeiros, seria uma lição viva e constante para os nossos.

Voltemos porém ao nosso ponto capital, a vida de Alfredo Keil.

A veia musical do nosso compositor expandiu-se n'um sem numero de peças, de maior ou menor vulto. As mais importantes, as que tiveram a consagração do grande publico, vão consignadas no fim d'esta noticia; as outras, que tiveram exito mais passageiro e acção mais circumscripta, ou não chegaram a publicar-se, são objecto da seguinte lista, que de resto não temos a pretensão de dar completa.

Aurora, polka; *Pensée musicale*, romance; *Teus olhos negros*, valsa; *Roses Pompons*, valsa; *Morenita*, polka; *Souvenir de Vienne*, valsa; *Salve!*, recitativo; *Saudação*, recitativo; *Fandango do Ribatejo*; *Sonhando*, valsa; *Carnaval*, polka; *Canção de um chefe indiano*; *Doze melodias* offerecidas a El-Rei D. Luiz; *Impressions poetiques*; *Six romances*; *Recueil* de melodias para piano; *Beauté*, folhas d'album; *Patria*, para piano e canto, com letra de Gomes Leal; *O Passarinho*, polka; *A moura Salluquia*, valsa; *Rose d'amour*, câro; *Ave-Maria*, com órgão; *Marche à l'antique* para orchestra; *Romance* para violino, violoncello e piano; *Sérénade* para os mesmos instrumentos; *Aubade* e *Juin languoureux* para violoncello e piano; *Credo* de uma missa; *Manuelinas*, com letra do visconde de Castilho; *Benção*, para coros e orchestra, letra de Thomaz Ribeiro; *Hymno* para o collegio de Campolide; *Poema da Primavera*, cantata para grande orchestra, coros e solos; *Derniers beaux jours*, valsa para banda; e muitas *suites* para orchestra, *marchas* para banda, etc.

Das obras grandes ficaram em carteira uma opera, *Simão o Ruivo*, e um poema lyrico e symphonico, *India*, com letra de Henrique Lopes de Mendonça, que devia executar-se nas festas do Centenario da India, mas que não poudé afinal figurar no programma d'essas festas, por falta de verba orçamental para a sua montagem.

Confeccionou Alfredo Keil nos ultimos annos da sua vida alguns albuns, extremamente valiosos, em que reunia pequenas composições poeticas e musicaes, da sua lavra, illustrando-as com preciosos desenhos e aguarellas. Esses albuns, em que o distincto homem d'arte fazia scintillar as varias facetas do seu talento tão malleavel e tão pittoresco, eram geralmente destinadas a pessoas de elevada cathegoria; sabemos de alguns que foram offerecidos ao rei Leopoldo, da Belgica, a Carmen Sylva, da Romania, ao presidente

Loubet, a Affonso XIII, a D. Maria Thereza de Bragança e d'Austria, etc.

O volume *Tojos e Rosmaninhos*, que a «Editora» está imprimindo, é o unico album d'esse genero que foi destinado á publicidade; contem, como os outros, poesias, musica e desenhos, sendo estes inspirados em varias paysagens de Ferreira do Zezere e d'outros lindos pontos do paiz.

De obras incompletas, apenas nos consta que deixou uma collecção de 52 peças orchestraes, em commentario a outras tantas poesias. Julgamos que tambem ficou incompleto o *Catalogo* da sua collecção de instrumentos, que devia ser enriquecido de muitas noticias historicas e gravuras das principaes peças.

Terminamos esta noticia com algumas ephemerides, referentes ao saudoso artista e em que vão mencionadas as suas mais gloriosas obras; suppomos que esse subsidio poderá ser interessante para quem de futuro se proponha a fazer a biographia completa d'esta grande personalidade artistica, que acaba de desaparecer.

1850 — Nascimento em 3 de julho (Lisboa).

1868 — Parte para Nuremberg (Baviera), afim de estudar pintura sob a direcção de Kreling.

1870 — Regressa a Portugal por motivos de saude, continuando aqui o estudo da pintura, sob a direcção do professor Joaquim Gregorio Nunes Prieto.

1874 — A *Sociedade Promotora de Bellas Artes* confere lhe duas medalhas de bronze.

1876 — Os seus quadros, *Sesta e Meditação* valem lhe duas medalhas de prata.

1878 — Concorre á Exposição de Paris com o seu quadro *Melancolia*, que obtem a menção honrosa e um premio pecuniario do governo portuguez.

1879 — Os seus quadros obtem a medalha d'ouro na Exposição do Rio de Janeiro.

1881 — Concorre á Exposição de Madrid e obtem um diploma honorifico.

1883 — Estreia se em 9 de janeiro na Trindade a sua opera-comica *Suzanna* (1 acto, letra de Hygino de Mendonça).

1884 — Executa-se em 6 de junho no antigo Colyseu dos Recreios Whitoyne a cantata *Patria*, por amadores, sob a direcção de Filippe Duarte.

1885 — A *Academia de Amadores de Musica* executa em 15 de dezembro no salão da Trindade, o poema symphonico, *Uma caçada na corte*.

1886 — A mesma *Academia* executa em 10 de junho a cantata *Oriente*, sob a direcção de Guilherme Ribeiro.

N'esse mesmo anno apresenta na Exposição de pintura de Madrid dois quadros, *Pateo do Prior* e *Boa lamina*. E' condecorado com a ordem de Carlos III.

1888 — Em 10 de março é a primeira representação em S. Carlos da *D. Branca*, opera em 1 prologo e 4 actos, extrahida do poema d'Almeida Garrett. N'essa epoca e na seguinte representou-se a mesma peça cerca de 30 vezes n'esse theatro.

A *D. Branca* cantou-se tambem no Theatro Lyrico, do Rio de Janeiro.

1890 — Por occasião do *ultimatum* de Lord Salisbury compoz e publicou um hymno patriotico, *A Portuguesa*, com versos de Lopes de Mendonça e que teve um exito extraordinario, sendo por fim prohibido por motivos politicos (?). Em 29 de março canta-se novamente a *Patria*, agora no theatro de S. Carlos, em um concerto promovido pelos estudantes a favor da subscrição para a defeza nacional.

N'esse mesmo anno abre Alfredo Keil o seu *atelier* da Avenida, expondo umas 300 telas, que rapidamente se venderam. O fallecido rei D. Luiz adquiriu algumas das mais importantes.

1893 — Canta-se em Turim, Teatro Reggio, a sua opera *Irène*, em 4 actos, com poema de Cesar Féreal.

1894 — Por occasião das festas do centenario do Infante D. Henrique, canta-se no Porto um seu hymno, allusivo a essa solemnidade. Foi executado por quatro bandas militares e 1120 vozes, sob a direcção d'Antonio Canedo.

1895 — No centenario de Gualdim Paes, em Thomar, toca-se uma marcha, composta expressamente para essas festas.

1896 — Estreia-se a *Irène* em S. Carlos, a 21 de fevereiro. Teve dez representações n'essa epoca.

1898 — Por iniciativa do tenor Gaspar do Nascimento, realisa-se no Rio de Janeiro uma subscrição entre os portuguezes ali residentes para fazer imprimir, em edição luxuosa, a sua ultima opera, *Serrana*.

1899 — Em 13 de março é a primeira representação em S. Carlos da opera

em 3 actos, *Serrana*, sobre poema de Lopes de Mendonça e com adaptação italiana de C. Féreal. Foi dedicada por Alfredo Keil ao compositor francez Jules Massenet.

1900 — Envia varios quadros á Exposição de Paris. Infelizmente o naufragio do navio que os reconduzia a Lisboa fez perder, com elles, muitas das obras primas da moderna pintura portugueza.

1901 — Dá-se a 26 de junho a *Serrana* no Colyseu dos Recreios.

1902 — Estreia-se a mesma opera no theatro de S. João, do Porto.

1904 — Publica uma *Breve noticia dos instrumentos de musica antigos e modernos da collecção Keil*.

1905 — Publica o opusculo *Collecções e Museus d'arte em Lisboa*.

E ainda uma triste ephemeride. Em 31 de janeiro d'este anno de 1907 levavam-o para o hospital de S. José, onde teve de sujeitar-se á dolorosa operação da tracheotomia. Correu regularmente a operação, ao que parece; mas a pneumonia infecciosa que lhe sobreveiu durante o tratamento, complicada talvez com antigas affecções cardiacas, concorreu, e grandemente, para exgotar em poucos mezes aquella existencia tão preciosa para a Arte patria.

As duas novas operações feitas em Hamburgo, como recurso extremo, foram a bem dizer o pretexto que a implacavel Morte encontrou para immolar mais essa victima.

A Arte Musical apresenta sentidas condolencias á Ex.^{ma} Sr.^a D. Cleyde Cinatti Keil, viuva do illustre extincto, a seus filhos, D. Guida Cinatti Keil Carvalho da Silva, Luiz e Paulo Cinatti Keil, bem como ao illustre violinista Alfredo Gerschey, primo do fallecido.

A palavra pertence ao homem: a musica ás fadas, aos anjos e aos passaros.

MAD.^{me} EDGAR QUINET.

ESTUDOS

SOBRE O

Tristão e Isolda

Não ha terreno mais avesso do que este para lançar a semente wagneriana.

As nossas condições de raça, a persistencia doentia de um largo seculo de musica italiana, o afastamento intellectual dos grandes centros de producção artistica e o espirito rotineiro da mór parte dos nossos educadores, são factores mais que sufficientes para explicar esse temôr, essa quasi repulsão, com que são acolhidas, na nossa terra, as manifestações da moderna arte da musica e muito particularmente as que trazem a rubrica do grande reformadôr de Bayreuth.

Os entusiastas da obra moderna e mesmo aquelles que se dispõem a estudal a e procuram comprehendel-a são em diminutissimo numero no nosso paiz. A grande maioria é de intransigentes, mas de uma intransigencia original que não quer perceber e que julga antes de ouvir. E' com essa intransigencia feroz que teem luctado entre nós e hão de luctar ainda por muito tempo os Berlioz, os Franck, os Debussy, os Strauss, os d'Indy, os Charpentier e outros campeões da forma nova.

Toda a gente sabe que Wagner foi associado em França e ridicularisado em muitas terras da propria Alemanha. Mas Wagner pateado e troçado estava no seu papel de reformador; o combate travado entre os amigos e adoradores do mestre e os seus detractores mais encarniçados tomou proporções verdadeiramente homericas, tão homericas, como a poderosa evolução d'arte que lhes serviu d'objecto. Depois veio o momento em que cahiram os exageros, em que acalmaram as paixões, d'uma parte e d'outra, e em que a obra genial do mestre de Bayreuth appareceu, a toda a gente medianamente illustrada, em toda a pureza das suas linhas e em toda a idealidade de uma concepção philosophica e artistica ainda não formulada.

Portugal não acompanhou a lucta, nem de longe nem de perto, e quando, meio seculo depois, lhe offereceram os *Mestres Cantores*, repudiou-os enjoado. O facto de irem uns tantos frequentadores do nosso lyrico sollicitar do empresario que retirasse quanto antes de scena o formosissimo drama satyrico de Wagner, facto que é hoje sobejamente conhecido para vergonha nossa, ou antes para vergonha dos ingenuos sollicitantes, é bem tristemente symptomatico e suggere-nos desoladoras apprehensões...

Como vae ser accete o *Tristão*? Queremos supôr que o empresario Pacini, decidindo-se a apresentar ao publico lisbonense uma das ultimas obras primas de Ricardo Wagner e portanto uma d'aquellas em que mais intensamente se mostra a sua definitiva concepção do drama musical, tenha procedido n'um intento de pura arte, e no desejo de assignalar a despedida das suas funções de empresario com um cometimento sensacional.

Seja como fôr, não regatearemos louvôres ao empresario Pacini; receamos apenas que, dada a manifesta aversão do nosso publico pela obra wagneriana, possa julgar-se prematura a apresentação de um drama de tão complicada technica e de processos tão novos para a rotineira e inatenta plateia de S. Carlos.

Um verdadeiro caudilho da causa wagneriana hesitaria talvez n'esse empreendimento e receiaria, com tão atrevida cartada, perder para sempre as ultimas probabilidades de ganho.

Um verdadeiro caudilho da causa wagneriana, com os longos annos de consulado que o sr. Pacini tem socegradamente fruido, teria insistido methodica e pacientemente na vulgarisação das principaes obras de Wagner e daria hoje o *Tristão* com a certeza de um triumpho.

Assim, com um publico que a uma completa falta de preparação allia a mais lamentavel das ignorancias, como vae ser accete o *Tristão*?

E' em presença d'esse ponto interrogativo que nos propuzemos a compendiar aqui alguns estudos sobre a genial producção do mais notavel dos operistas modernos, no proposito de preparar os animos para essa solemidade musical e na esperanza, talvez illusoria, de ganhar alguns adeptos para esta bella causa.

Um estudo consciencioso da partitura de piano e a audição repetida dos principaes fragmentos são tambem muito para aconselhar se a quem deseje conhecer a technica da ultima e definitiva maneira de Wagner.

No Conservatorio

O sr. conselheiro João Franco creou um Conselho especial d'instrucção publica, formado por delegados dos varios estabelecimentos d'ensino official, afim de resolver sobre quaes as modificações, que convirá introduzir nas leis por que se regem esses estabelecimentos.

No Conservatorio Real de Lisboa deve ser

eleito para tal fim um dos professores de primeira classe, e é licito esperar que a intervenção de um delegado do nosso unico liceu musical junto do novo Conselho origine salutare reformas no regimento d'essa casa, que a muitos parece deficiente em certos pontos.

Longe de nós a idéa d'impugnar um decumento, que foi elaborado na melhor fé e em que muitas das clausulas mais essenciaes foram não só objecto de um estudo criterioso e intelligente, mas produziram na marcha do ensino conservatorial a mais benefica das influencias.

Mas não ha nada perfeito n'este baixo mundo e a lei por que actualmente se rege o Conservatorio, se tem optimas disposições, deixa bastante a desejar em outras.

E' n'estas que esperamos vêr concentrada toda a attenção de quem tiver de representar o Conservatorio no Conselho tão acertadamente creado pelo ministro do reino.

Não nos levarão a mal que apontemos algumas das deficiencias mais flagrantes, e isto sem intenção de doutorar em assumpto para que não somos chamados, mas unicamente no desempenho do nosso papel de jornalista, e no interesse de todos os que buscam no ensino official da musica o inicio da sua carreira d'artistas.

Já não é a primeira vez que aqui falamos nos quadros de frequencia e no inconveniente de admittir no Conservatorio um numero *indefinido* d'alunos.

Nas aulas de piano, onde a concorrência de alumnos é cada vez mais numerosa, chegam a ser distribuidos a cada professor *quarenta* alumnos, para dar lição em duas horas e meia! E ha quem diga que já se não fazem milagres!

Para remediar esse *surmenage*, de tão problematica efficacia artistica, não nos virão decerto lembrar que se vá augmentando o numero de leccionistas, na progressão directa da affluencia d'alunos. A calcular pelo que se tem passado de ha vinte annos para cá, precisaríamos ter 32 professores de piano no Conservatorio, d'aqui a outros vinte annos, e substituir corajosamente o convento dos Caetanos pelo convento do... Escurial.

A unica medida que se impõe, a unica que os melhores conservatorios estrangeiros tem adoptado, é a restricção, na admissão dos alumnos, áquelles que mostram aptidões especiaes para a arte a que querem destinar-se. Creiam que a arte nada perdia com isso... antes pelo contrario.

Ha tambem uma disposição de regulamento, que nos não resulta muito clara. Porque se prohibe aos paes das alumnas o ingresso nas aulas, onde suas filhas são leccionadas,

quasi sempre por professores do sexo masculino? Não vêmos bem o inconveniente e se em cada uma das aulas houvesse sempre duas ou tres cadeiras exclusivamente destinadas a dois ou tres *papás* ou *mamans*, em nada perigaria a moral... antes pelo contrario.

E os exames finaes? Esses dão quasi sempre logar a queixas e descontentamentos e ás vezes até a manifestações irritantes, que seria da maior conveniencia evitar. Ha mesmo medidas que parecem impôr-se, abstracção feita da hostilidade, mais ou menos surda, que esses actos officiaes costumam todos os annos provocar.

Exemplifiquemos.

Deve o professor têr voto nos exames dos seus proprios alumnos? Entendemos francamente que não, o que não significa que não tenhamos confiança absoluta, cega, no espirito de imparcialidade de todos e de cada um dos illustres votantes. Mas o que elles não podem é furtar-se á suspeição, á terrivel suspeição de que o peso excepcional do seu voto e as concomitantes considerações dos seus collegas façam descambar a balança da justiça.

No tocante aos professores extranhos ao Conservatorio e que ali são chamados annualmente para fazer parte do jury examinador, é fora de duvida que é uma das optimas disposições da ultima reforma. Crêmos porém que se implica n'esse salutar preceito a necessidade de variar quanto possivel esses elementos extranhos, porque facil é de vêr que, creando ali raizes, podem vir a enfermar de uma perigosa doença que já está minando alguns dos professores internos d'aquella casa — o excesso de trabalho e a applicação desmesurada das suas faculdades pedagogicas. Optimos os examinadores externos, mas todos os annos differentes, se fôr possivel...

Tambem se nos afigura obra de caridade a suppressão da votação secreta nos exames. Esta cousa de bolinhas tem seus perigos e não será difficil que por distracção, por engano ou por qualquer outro motivo vá desabar uma bolinha de *mau* ou de *soffrivel* no meio d'outras espheras muito mais benevolas e porventura muito mais justas.

E comprehendem bem que o examinando não ha-de estar á mercê dos desmandos, reflectidos ou occasionaes, das bolinhas pretas...

Sejam embora secretas as reuniões do jury, como devem effectivamente sêr; mas a votação que seja franca e leal e até discutida entre as diversas auctoridades artisticas que compõem o jury examinador.

E por agora basta. O espaço por esta vez não dá para mais; affigura-se-nos todavia que o assumpto ainda não está esgotado.



CARTAS A UMA SENHORA

105.^a*De Lisboa*

Seria porventura inteiramente justa a reflexão que me faz contra a nossa apathia collectiva, se varias circumstancias de sobra não a explicassem.

Não esqueça V. Ex.^a que os 80 % já tão citados, sobretudo nos ultimos tempos, de analfabetos extremes, e os 20 % que ficam de *alphabetos* incompletos, ministram a quem queira ver, esclarecimentos irrefragaveis e rasgam no horizonte nacional clarões demasiado expressivos.

Mas ha mais.

As raças que surgiram para a vida em doces e ridentes paragens, ensopadas em luz e em verdura, raro cultivaram com amor essa delicada flor que se chama a solidariedade, algumas não a conheceram e outras apenas receberam d'ella um vago e passageiro effluvio...

Ainda quando um fugaz ideal ou um imminente perigo lograva congregal-as alguns momentos para o fim de tentarem realizar um ou de procurarem fugir a outro, lá apparecia acaso um como que reflexo d'essa solidariedade; mas, sol de pouca dura, som de fraca intensidade, ella perdia-se prestes no ar calado, no horizonte infindo...

Se foi assim a divina Hellade e assim não deixou de ser a formidanda Roma; se depois aquellas que lhe herdaram a graça ou o vigor persistiram no mesmo erro ou enveredaram pela mesma estrada, que espanta ver os mais ou menos degenerados descendentes de tão gloriosas avós soffrerem, peorados, os males que já então as achacavam?

O clima não exerce só uma acção mecnica e uma influencia physica, e dir-se-hia que a hostilidade da natureza agreste e borrascosa mais facilmente prepara os seres para intimamente sentirem o fecundo calor da sympathia e da convivencia, do que o indefinivel encanto e a penetrante tepidez com que ella ás vezes luxuriante se reveste.

Os povos, como as creanças, são egoistas por instincto e só altruistas por necessidade ou por educação.

Mais. Essa educação, do instincto, é claro, nem sempre corrige as tendencias fundamentaes da origem, e se já Lucrecio dizia que o temor fizera os deuses, creio poder conjecturar-se com fundamento que o medo foi quem levou os homens...

Inicialmente, isso tornou-se preciso e quem sabe quão grandes e admiraveis virtudes não tiveram outra ascendencia!

Ora o medo não nos poderia ter vindo nunca d'uma atmosphaera luminosa e calma, e d'uma terra avelludada e clara, e sem essa negra apprehensão do desconhecido, sem esse mysterioso sobresalto do invisivel, é de presumir que o nosso aliás glorioso avô, afflorando da vastidão ignorada das idades, não procurasse, diligente, o seu semelhante, e commodamente se houvesse deixado ficar sózinho, a contemplar os astros d'onde viera ou para onde iria ..

De modo que, querida amiga, ou eu me engano lamentavelmente, ou os prodigios de sociabilidade e de affecto, de dedicação e de ternura, que acabaram por ennobrecer e espiritualisar esse hediondo anthropoide das cavernas, d'onde havia de evolucionar e florir o nosso irmão de agora, devem-se todos ou em grande parte ás inclemencias tremendas do meio cosmico e ás impressivas ainda que inconscientes coleras dos elementos em revolta...

Applicando, e revertendo, nós que vimos o dia n'um benigno e sereno recanto, amado do céu e beijado pelo mar, esquecemo-nos quasi sempre de pensar nos outros, absorvidos que andavamos em pensar em nós mesmos, e d'ahi possivelmente essa interminavel serie de desconchavos e de incoherencias de que está cheio o nosso viver e que já podiam observar-se na nossa historia.

Temos tido heroes, até na parda quadra que atravessamos, em que vimos de acclamar mais um, destemido e bello, o major Roçadas; temos contado santos, dos que a egreja cataloga e dos que a sociedade canonisa; não nos faltaram nem os sabios, nem os poetas, nem os apostolos, nem os martyres; não deixámos jamais de honrar a Virtude, mesmo que não seja triumphante, e de enaltecer a Bondade e de adorar a Belleza; mas — deploravel esquecimento — não nos lembrámos de levar a todos, aos que perto se agrupam, e aos que longe se disseminam, o sagrado viatico do amor fraterno, que só se ministra em templos-escolas e por levitas-mestres.

D'ahi o nosso descabro por vezes completo.

D'ahi tambem o supportarmos agitados que governam, ignorantes que legislam, perseguidos que vexam; d'ahi, tudo o que a minha amiga póde contemplar, mesmo a distancia, porque, por desgraça, algumas das manchas que ennodoam este, apesar de tudo, tão lindo quadro em que nos movemos, são das que até myopes avistam. .

Aqui tem, minha senhora, o ponto em que nos encontramos á hora em que Clemenceau

pronuncia em França aquelle monumental e lapidar discurso que V. Ex.^a me enviou, e em que no resto do mundo culto o pensamento trabalha e o trabalho cria.

Quanto a nós, quero crer que nem agora, que se annuncia por tanta parte a suggestiva e enternecedora festa da arvore, saberemos levar todas as creanças de Portugal á pratica d'esse levantado acto da mais formosa esthetica e dos mais civilisadores intuitos, nem sequer aqui em Lisboa convidaremos as que por cá vicejam a tornarem uma realidade essa malfadada avenida da India onde bastava que cada uma d'ellas plantasse uma laranjeira para simultaneamente nos ter alegrado os olhos e edificado a alma, ao mesmo tempo que nos iria embalsamando o ar...

Emfim, sem arvores e sem o resto, nós que, segundo escreveram já, *resto* somos, que remedio teremos senão ir indo, enquanto a morte não vem, e da poeira das nossas vidas extraher a vida dos nossos sonhos?

AFONSO VARGAS.

Chronica theatral

Theatro de D. Maria. — «*Mar de Lagrimas*», peça em 3 actos de João Gouveia e Jorge Santos.

O nosso theatro normal já deu inicio á serie de peças portuguezas que tenciona dar na presente época.

A primeira approvada, foi a peça *Mar de Lagrimas* de dois novos, João Gouveia e Jorge Santos. O primeiro, auctor já d'uma peça em 1 acto e d'um delicado livro de versos, e o segundo auctor de duas peças já representadas em D. Maria. Ambos filhos da ilha da Madeira, combinaram em escrever uma peça com costumes característicos d'aquella ilha, e deram nos o *Mar de Lagrimas* que hontem se representou com geral agrado.

É uma peça com scenas bem trabalhadas, passadas entre gente rustica, linguagem apropriada, e caracteres bem definidos. O assumpto sendo por vezes bastante escabroso, os auctores souberam no tratar de modo, que ficou uma peça que se pôde ouvir sem ferir a moral, o que é raro na epocha presente!

Um seminarista volta para a sua aldeia, depois de trez annos de ausencia, e muito proximo de tomar ordens. Encontra-se novamente com *Mariquinhas*, sua companheira de infancia. Nasce, um pelo outro, profundo

amor, sem que nenhum o declare. *Maria* não quer casar com *Ze da Ribeira* moleiro abastado, repugna-lhe casar com um homem a quem não ama.

O seminarista *Manoel* não se resolve a ir tomar ordens, havendo uma grande lucta entre o amor e a obediencia filial. No 2.^o acto ha uma scena violenta entre *Manoel*, *Maria* e *Ze da Ribeira*, este vendo que aquella rapariga o não ama, resolve não casar e parte cheio de tristesa.

Maria no ultimo periodo da tuberculose, morre nos braços de *Manoel* momentos antes de elle ir dizer a sua primeira missa, *Manoel* olhando para o cadaver de *Maria* e ouvindo o sino da egreja a chamal-o ao dever, diz que a sua primeira missa será por alma d'ella. Como se vê é a constante lucta do amor, e o grande erro dos paes em obrigar os filhos a seguirem carreiras contrarias ás suas indoles.

D'onde virá o titulo da peça? D'um sonho habilmente descripto pela *Mariquinhas* no 2.^o acto. Ella vê o *Manoel* d'um alto, d'um negro penedo, a chorar... a chorar muito, e as suas lagrimas são salgadas como o mar que está em baixo, que mais parece um *mar de lagrimas*.

O desempenho foi admiravel por parte de Adelina Abranches (*Maria*); o seu talento coaduna-se á personagem.

Luiz Pinto (*Manoel*) foi correcto, talvez um tanto frio de mais.

Ze da Ribeira foi a cargo de Araujo Pereira, antigo alumno do Conservatorio, artista trabalhador e intelligente.

Ignacio e Joaquim Costa muito bem. O primeiro salientou-se nas scenas do 2.^o acto que foram bem detalhadas.

Anna Pereira sempre a grande actriz.

O primeiro acto foi passado friamente, no segundo houve tres chamadas aos actores, e no final tiveram uma grande ovação.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).



PORTUGAL

Espera se em Lisboa, no mez de janeiro, a talentosa pianista Virginia Suggia, que está terminando com notavel distincção o seu curso artistico em Paris.

Julgamos poder affirmar que ouviremos aqui a sympathica artista em um concerto

de apresentação, constando porém que regressará passado algum tempo a Paris, onde já conta diversas discipulas de piano.

*

A casa editora Breitkopf & Härtel, de Leipzig, publicou uma composição de Theodoro Streicher, para canto a solo e orchestra, cujo texto é a estancia 135.^a do terceiro canto dos Lusiadas:

«As filhas do Mondego a morte escura,
Longo tempo chorando, memoraram.»
.....

O texto allemão começa por estas palavras:

«*Um Inez weinten trüb an dieser Stelle.*»

que servem tambem de título á nova composição lyrica de T. Streicher.

A orchestra que acompanha o canto é formada de um quarteto de cordas, reforçado por uma segunda violeta, flauta, oboé, dois clarinetes, fagote, duas trompas e harpa.

*

No *Café Lisbonense* (Porto) estreiou-se um quarteto composto dos seguintes artistas: — Julio Caggiani (*violino*), Aleardo Tandelli (*violoncello*), Figueiredo (*piano*) e Simaria (*contrabaixo*).

Aleardo Tandelli, mais um artista estrangeiro que se resolveu a ficar entre nós, foi na ultima temporada de S. Carlos o primeiro violoncellista da orchestra, tendo já desempenhado identicas funcções nos theatros Scala de Milão e Opera de Buenos Ayres.

*

Em 7 d'este mez tiveram logar no Conservatorio Real de Lisboa os concursos da aula de piano, tanto para premio do 5.^o anno do curso, como para passagem ao curso superior.

Nos primeiros teve um segundo accessit a alumna Alda Feliciano Valentim e nos segundos obtiveram approvação os seguintes alumnos: — Antonia Clara Bettencourt Torres, Antonio Duarte da Costa Reis, Bertha A. da Motta Gomes, Elvira L. Rodrigues Leite, Emilia Alice Pilar da Villa, Esther B. da Conceição Machado, Judith Sophia de Sá, Laura S. de Gouveia Guimarães, Maria Antonia da Costa Teixeira, Maria Christina Almada, Maria Julia de Barros Teixeira, Maria Luiza P. Lami, Mathilde J. da Costa Marques Cruz, Militana de S. S. Couceiro, Amelia A. P. Saldanha, Rozinda Laura Pereira e Victoria D. A. Ferreira.

O jury era composto pelos professores Augusto Machado (presidente), Rey Colaço, Bahia, Matta, Vieira, Filippe Duarte e Merêa.

No proximo numero daremos o resultado dos outros concursos.

*

No dia 11 reuniram-se, a convite de alguns amigos de Alfredo Keil, varios artistas, amadores e admiradores do fallecido mestre afim de assentar na maneira de prestar uma imponente homenagem á sua memoria.

A sessão foi presidido pelo sr. D. João da Camara, servindo de secretarios os srs. dr. Antonio Nobre e Julio Cesar S. Nunes.

Apoz breve escambio de ideias, resolveu-se organizar, entre outras manifestações, uma sessão commemorativa na sala Portugal, da Sociedade de Geographia, congraçando para esse effeito o concurso de importantes elementos artisticos.

A commissão executiva ficou composta dos srs. Marquez de Borba, Augusto Machado, Eduardo Schwalbach, Simões d'Almeida, Alfredo Gallis, D. João da Camara, José Carneiro, Antonio Lamas, Henrique Savinnet, Antonio Felix da Costa, dr. Nobre de Mello, Julio Nunes e Michel'angelo Lambertini.

*

No proximo anno e acabada a epoca de S. Carlos teremos o prazer de ouvir novamente em Lisboa a *Orchestra Philharmonica de Berlim*, d'esta vez sob a direcção do insigne maestro Ricardo Strauss.

A famosa orchestra, que fechou já contracto com o arrojado empresario, sr. Visconde de S. Luiz de Braga, dará d'esta vez os seus concertos no theatro D. Amelia.

*

As ultimas noticias de Vianna da Motta datam de S. Paulo, onde o notavel pianista voltou, depois da sua estada em Buenos Ayres e a pedido de muitos dos seus admiradores da capital paulista.

Transcrevemos de um dos periodicos locais a honrosa carta que, n'esse sentido lhe foi enviada e que bem evidencia quanto o nosso artista foi admirado nos seus anteriores concertos de S. Paulo.

«Ill.^{mo} sr. Vianna da Motta.

A grandissima impressão que v. s. deixou nos subscriptores d'esta carta que tiveram a felicidade de ouvir o nos concertos de S. Paulo, a indelevel lembrança d'essas esplendidas noites de altissimo goso esthetico, anima os a pedir a v. s. a gentileza de uma nova visita

a esta capital, e de uma audição musical em que mais uma vez possam os seus innumerados admiradores testemunhar o seu enorme apreço pelo talento e pela extraordinária virtuosidade do insigne pianista que é hoje o maior interprete dos classicos do piano.

Confiantes no seu requintado cavalheirismo e na sua bondosa sympathia, tantas vezes e tão eloquentemente manifestados pela sociedade paulista, esperamos anciosos pelo momento de saudar com o mais sincero entusiasmo aquelle que melhor nos fez comprehender a sublime grandeza da Arte musical, das concepções geniaes dos grandes mestres através do seu temperamento de eleição.

S. Paulo, agosto de 1907.»

O concerto de 20 de setembro, no theatro de Sant'Anna (S. Paulo) foi portanto, segundo parece, a despedida de Vianna da Motta das terras americanas. Foi n'elle coadjuvado por outro notavel artista portuguez, Arthur Napoleão, tocando a dois pianos as *Variações* de Beethoven-Saint-Saëns e o *D. João* de Mozart-Liszt.

A *Sociedade de Musica da Camara* escripturou para abrir a sua nova serie de concertos um grupo de distinctissimas concertistas francezas, Mesd^{as} Geneviève Dehelly (pianista), Juliette Laval (violinista) e Adèle Clément (violoncellista), todas primeiros premios do Conservatorio de Paris.

O unico concerto, em que as eximias tocadoras se farão ouvir em Lisboa, será o da *Sociedade de Musica da Camara* e terá lugar em 12 do proximo mez de novembro, com o programma seguinte:

TRIO *Brahms*

a) ARIA *Bach*

b) PRÉLUDE »

para violino

a) IMPROMPTU NUM.º 2 *Chopin*

b) RUINES D'ATHÈNES *Beethoven-Liszt*

para piano só

ADAGIO e BOLERO *Franchomme*

para violoncello

TRIO *Schumann*

O abonamento para a proxima serie de audições da *Sociedade de Musica da Camara*, pode effectuar se desde já na séde provisoria

da sociedade, P. dos Restauradores, 44, mediante as condições que ali estão patentes.

*

Conta-se que o grande violoncellista Marix Loevensohn volte em dezembro ou janeiro a Lisboa, onde é tão apreciado pelo seu privilegiado talento e pela funda sympathia que inspira a todos os que com elle tratam.

Seja bem vindo.

*

O corpo do saudoso maestro Alfredo Keil deve chegar a Lisboa a 19 ou 20 d'este mez, no vapor *Herzog*.

Como em outro lugar dissemos preparam-se-lhe honras funebres que revistam o caracter de uma consagração nacional, a que os elevados merecimentos do artista tem largo direito.

*

Estão-se preparando activamente os trabalhos para poder realisar em meados de novembro a segunda audição symphonica pela *Grande Orchestra Portugueza*, d'esta vez accrescida no numero dos seus executantes.

O magnifico programma que está em projecto é o seguinte:

CHEVALIER JEAN, ouverture *Joncières*
SCÈNES ALSACIENNES *Massenet*

Dimanche matin
Au cabaret
Sous les tilleuls
Dimanche soir

2.ª SYMPHONIA *Beethoven*

Adagio molto. Allegro
Larghetto
Scherzo
Allegro molto

AMOR DE PERDIÇÃO, preludio ... *Arroyo*

REDEMPTION, morceau symphonique *C. Franck*
MESTRES CANTORES

Wagner

Espera-se que a empreza do theatro D. Amelia ceda uma noute para se poder effectuar na sua linda sala de espectaculos esta festa eminentemente nacional e de tão vasto alcance artistico.

*

O theatro de D. Maria licenciou o optimo sexteto que ali tocava ha annos. O caso tem dado logar a varios commentarios menos fa-

voráveis por parte da imprensa diaria e é realmente para lastimar, por ser um dos muitos sympomas da desprotecção a que são votados, por uso e costume, os nossos artistas musicos.

Ao nosso illustre collega, *Correio da Noite*, pedimos venia para transcrever uma parte do seu artigo de 11 do corrente, firmado por *Santonillo*, e com cuja doutrina plenamente concordamos:

«O illustre gerente da empresa do Normal, que é primeiro que tudo um espirito lucido, ha de concordar em que é infeliz a ideia de fazer crer ao publico que se acaba com a musica para que esta não lhe distraia a attenção do entrecho da peça.

Por pouco não occorre á empresa metter os espectadores em prisão cellula durante os intervallos... para meditem ácerca da marionete do tyranno da peça e da pachorra do marido enganado!...

Não é argumento que se apresente a serio.

Lembra-me o meu caro Amadeu de Freitas o ridiculo que resulta de se seguir a uma scena violenta de tragedia, uma va sa como *Loin du bal*, e eu por mais que procure não vejo esse ridiculo. E não o vejo, seguramente por estar fóra do assumpto e por conseguente não tão saturado de musica e de musicos como o talentoso gerente do theatro de D. Maria.

Loin du bal é uma valsa finissima, que ainda hoje se ouve com agrado, apesar de muito corriqueira e estropeada.

Que se dirá então da *Maria Cachucha* e do *Compadre chegadinho*, diabolicamente tocado pelo sineiro da minha freguezia? Ou da *Bohemia* executada n'um piano que parece uma guitarra pela minha visinha do 3.º andar?

Pois nem a religião de Christo soffre quebranto por isso da *Maria Cachucha* e do *Compadre chegadinho*, nem Puccini estremece por causa do piano que parece uma guitarra e principalmente por causa da pianista.

Que nos theatros de declamação, lá fóra, não se usa a musica? E' verdade, mas o argumento parece-me, tambem, erroneo. E o povo na sua velha sabedoria previu estes casos, inventando o ditado de que *cada terra com seu uso...* E os sabios dizem que *verité en deçà, erreur au delà*.

As condições da Comedie Française são muito differentes das do nosso theatro de D. Maria. E essas differenças, desnecessario será ennumerar as porque são accessiveis a todos os entendimentos.

Não acho pois que a esthetica do theatro tenna nada que soffrer com a intervenção do sextetto, ainda que este não toque senão val-

sas, mazurkas e banalidades; mas n'isto de opiniões, o melhor é cada um ficar com a sua.

A argumento solido, o argumento valioso e razoavel é aquelle que o meu presado collega apresentou na sua carta de hontem: a empresa preferiu gastar os 200\$000 réis da musica em augmentar a companhia para melhor servir a arte e a litteratura dramaticas.

Este argumento sim, que colhe e que é de pezo.»

E' de pezo, em verdade, o argumento, mas bem triste que seja sempre a pobre arte da musica a primeira a soffrer nas economias officiaes.

*

O distincto pianista Alfredo Napoleão pensa em dar um concerto no *Sporting Club* de Cascaes, em 19 d'este mez.

ESTRANGEIRO

Appareceu agora a *maquette* de um monumento a Beethoven, que era até hoje completamente desconhecida. E' obra do escultor Gust. Bloesentcot, que n'ella trabalhou em 1842, isto é, quinze annos depois da morte de Beethoven, e representa o mestre em pé, em pose olympica, com uma lyra na mão esquerda e um rolo de musica na direita.

O socco é ornado de quatro figuras allegoricas.

Este projecto de monumento, de incontestavel valôr historico por ser o primeiro de que foi objecto o genial compositôr, foi legado por Bloesentcot á viuva Erard, em cujo castello da Muette estivera fidalgamente hospedado durante algum tempo.

*

Ferruccio Busoni, o concertista universalmente conhecido, já assumiu as suas funcções de director das classes de piano no Conservatorio de Vienna.

*

Constituiu-se em Berlim uma commissão para erigir um monumento á memoria de Joachim. A escola Real de Musica tambem vae collocar no seu edificio um busto em brônze do mestre e o municipio de Charlottenburg collocará proximamente uma placa commemorativa na sua casa de habitação.

*

Concluiu-se no Vaticano a construcção d'uma grande sala de concertos, com uma superficie de 350 metros quadrados e cujo

estrado occupa 150 metros. A partir d'este outomno dar-se-hão na nova sala concertos classicos e de musica religiosa, dirigidos por Don Lorenzo Perosi.

O papa Pio V assistirá a estas audições, que serão publicas, mas cujas entradas serão absolutamente pessoas e de preço bastante elevado.

*

O pianista Toselli, que casou ha pouco com a princeza Luisa de Saxe, não é positivamente uma celebridade.

Os concertos que deu na sala Erard e outras passaram por assim dizer despercebidos.

*

O curso de Jacques Dalcroze, em Genebra, para o estudo do seu novo methodo de gymnastica rythmica, teve este anno (1 a 15 d'agosto) 115 assistentes, sendo 40 suissos, 38 allemães e 18 francezes, procedendo os restantes da Belgica, Inglaterra, Russia e Hollanda.

*

O nosso collega parisiense, *Musica*, acaba de fundar, sob a direcção de Xavier Leroux e com um corpo docente absolutamente notavel, um *Conservatorio* especialmente consagrado ao ensino e aperfeiçoamento dos amadores.

Divide-se o ensino em quatro grupos: — dicção e declamação, musica theorica, musica vocal e musica instrumental.

Haverá tres vezes por anno representações e concertos d'alumnos, cujo producto reverterá em favor de varias instituições de beneficencia.

*

Muitas municipalidades allemães estão obrigando os empresarios de concertos e mesmo de representações dramaticas a fechar as portas da sala logo que o espectáculo começa.

A medida é dura e pouco viavel em paizes meridionaes... infelizmente.

*

O cultivo do órgão tem tomado uma importancia extrema na America do Norte.

No proximo outomno a Associação dos Organistas Americanos, que é muito numerosa, vae promover uma serie de concertos d'orgão nas principaes egrejas de Nova York e Brooklyn. N'esta ultima cidade projecta se construir em uma sala recentemente inaugu-

rada um órgão monumental que não tem menos de 140 jogos e 5 teclados.

Haverá n'esta sala 3 concertos d'orgão por semana, pensando-se em escripturar os primeiros organistas do mundo — Guilmant, Widor, Gigout, Homeyer, Straube, Wols-tehohm, etc.

Alguns opulentos particulares tambem tem ricos órgãos nos seus salões, citando se como um dos mais bellos o de Carlos Schwab, que custou 25 contos de réis.

*

Parece que, pela morte do grande Joachim, se dissolverá o quarteto a que elle tinha ligado o seu nome e a sua actividade.



Aos estragos de uma paralytia cerebral, falleceu em 2 d'este mez, o sr. João Maria Barbosa, conhecido professor de musica e distincto pianista.

Contava 65 annos de idade.

*

Morreu ha pouco a celebre pianista madame Szarvady (Wilhelmina Clauss). Estreiou-se triumphalmente no Gewandhaus, de Leipzig, onde a convite de Schumann fez ouvir pela primeira vez o seu *Concerto* de piano.

Dotada de uma sonoridade admiravel e de uma grande poesia, deixou gratissimas recordações a quem a ouviu interpretar Bach, Beethoven, Schumann e Chopin.

Falleceu com 65 annos.

*

Outros fallecimentos no estrangeiro: — Carlo Badiali, professor de canto, domiciliado em Bruxellas, e antigo barytono d'opera. — Ernest Blum, fecundo compositor parisiense de *vaudevilles*: — o barytono francez Paul Deraux, que se notabilizou nos concertos Colonne, Lamoureux e outros; — a professora de canto Rosine Laborde. — Jeanne Margyl, joven cantora da Opera de Paris. — Ernst Köhler, conhecido compositor e flautista do Theatro Imperial de S. Petersburgo; — o critico musical Ferdinand Herzog, que foi um dos mais eruditos collaboradores do *Menes-trel*; — o baixo Arcangelo Rossi e o tenor Lorenz Riese, da opera de Dresde.

A. HARTRODT

SÉDE: HAMBURGO — Dovenfleth, 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre:

Hamburgo — Porto — Lisboa
Antuerpia — Porto — Lisboa
Londres — Porto — Lisboa
Liverpool — Porto — Lisboa

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar qualquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — Hamburgo

GUARDA-MUSICAS

NOVIDADE

DA

Casa Lambertini

— * Modelos exclusivos * —

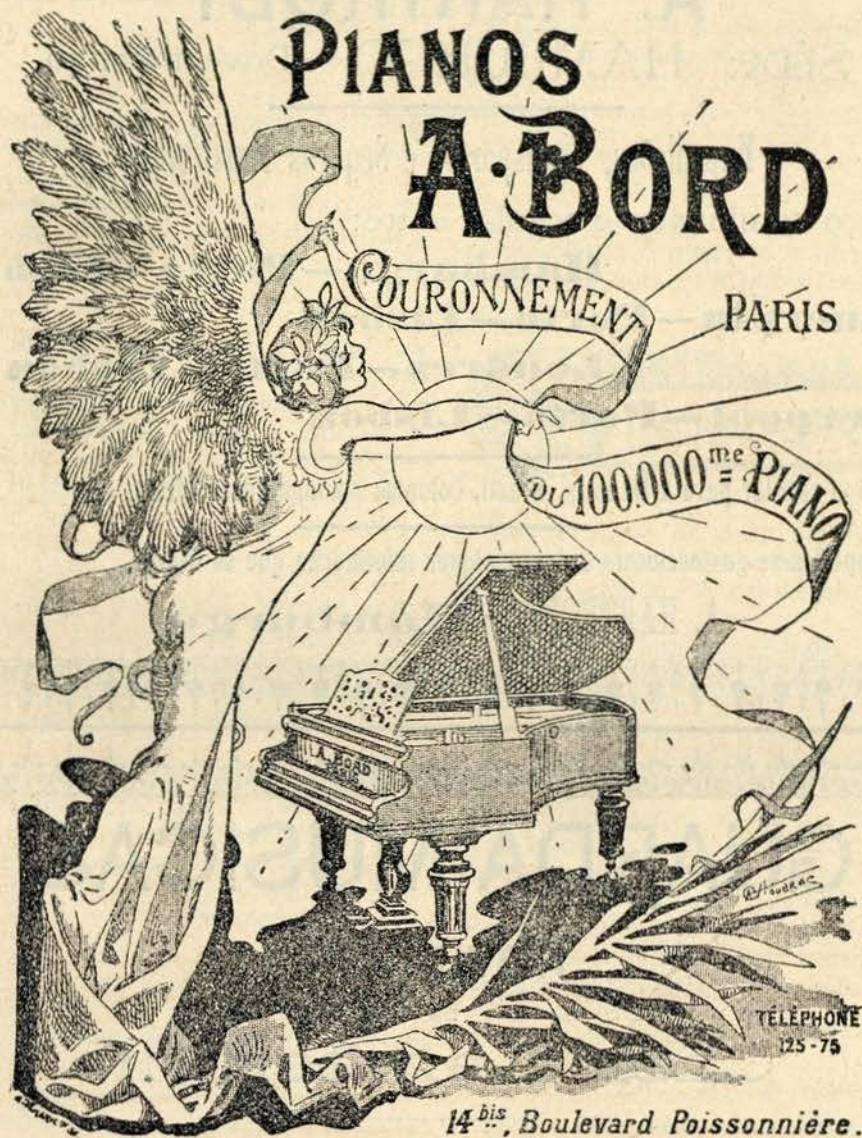
Enviam-se catalogos illustrados a quem os pedir.

SÓMENTE Á VENDA

NA

Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA



Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual.....	3:000 pianos
Produção até hoje	116:000 »

Exposição Universal de Paris (1900)
Membro do Jury—Hors concours

GRANDE ESTABELECIMENTO MUSICAL LAMBERTINI

FORNECEDOR DA CASA REAL

Enorme sortimento de musicas

PARA TODOS OS INSTRUMENTOS

Musica para canto — Musica de camara e de orchestra

REPRESENTANTE DOS EDITORES FRANCEZES

PARTITURAS DE OPERAS

Edições economicas de Ricordi,

ANTIGAS E MODERNAS

Peters, Breitkopf, Litolff, Steingraber, etc.

Para piano e para canto

HARMONIUNS AMERICANOS

*** VIOLINOS * FLAUTAS * BANDOLINS**

*** GUITARRAS * OCARINAS ***

*** VIOLAS FRANCEZAS E HESPANHOLAS**

METHODOS E MUSICAS

Acessorios

Alamires

Metronomos

Leitura musical por assignatura

Papel de musica francez

500 RÉIS MENSAES

DE

Pecam catalogos

SUPERIOR QUALIDADE

ESPECIALIDADE EM CORDAS ITALIANAS

para violino, violoncello, rabecão, harpa, etc.

43, 44, 45, Praça dos Restauradores, 47, 48, 49

LISBOA

Adelia Heinz, professora de piano, *Rua do Jardim á Estrella*, 12.

Alberto Sarli, professor de canto, *Rua Castilho*, 34, 2.º

Alexandre Oliveira, professor de bandolim, *Rua da Fé*, 48, 2.º

Alexandre Rey Colaço, professor de piano, *R. N. de S. Francisco de Paula*, 48

Alfredo Mantua, professor de bandolim, *Calleja do Forno do Tijolo*, 32, 4.º

Antonio Soller, professor de piano, *Rua Malmerendas*, 32, PORTO.

Candida Cilia, professora de musica, piano e harmonium, *L. de S.ta Barbara*, 51, 5.º D.

Carlos Gonçalves, professor de piano, *R. da Penha de França*, 23, 4.º

Carolina Palhares, professora de canto, *C. do Marquez d'Abrantes*, 10, 3.º, E.

Eduardo Nicolai, professor de violino, *informa-se na casa LAMBERTINI*

Ernesto Vieira, *Rua de Santa Martha*, A.

Francisco Bahia, professor de piano, *R. Luiz de Camões*, 71

Francisco Benetó, professor de violino, *Rua do Conde de Redondo*, 11, 2.º D.

Guilhermina Callado, prof. de piano e bandolim, *R. Paschoal Mello*, 131, 2.º, D.

Irene Zuzarte, professora de piano, *Rua José Estevam*, 17 r/c.

Joaquim A. Martins Junior, professor de cornetim, *R. das Salgadeiras*, 48, 1.º

Joaquim F. Ferreira da Silva, prof. de violino, *Rua José Estevão*, 50, 3.º, E.

José Henrique dos Santos, prof. de violoncello, *T. do Moinho de Vento*, 17, 2.º

Julietta Hirsch Penha, professora de canto, *R. Maria*, 8, 2.º, D. (Barro Andrade)

Léon Jamet, professor de piano, órgão e canto, *Travessa de S. Marçal*, 44, 2.º

Lucila Moreira, professora de musica e piano, *T. do Salitre*, 19, 1.º

M.ª Sanguinetti, professora de canto, *Largo do Conde Barão*, 51, 4.º

Manuel Gomes, professor de bandolim e guitarra, *Rua das Atafonas*, 31, 3.º

Marcos Garin, professor de piano, *C. da Estrella*, 20, 3.º

Maria Margarida Franco, professora de piano, *Rua Formosa*, 17, 1.º

Philomena Rocha, professora de piano, *Rua de S. Paulo*, 29, 4.º, D.

Rodrigo da Fonseca, professor de piano e harpa, *Rua de S. Bento*, 47, 2.º, E.

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colónias.....	1\$200
No Brazil (moeda forte).....	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

Preço avulso 100 rs.

Toda a correspondência deve ser dirigida á Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49 — LISBOA